

Extinção do professor caracteriza a crise na educação

Existe uma espécie em extinção que não conta com ecologistas para ser preservada: o professor. As previsões para a manutenção dessa espécie, vindas de pesquisadores em Educação e de diretores de escolas, são negras. Segundo eles, não vai haver mais professores no mercado dentro de cinco a dez anos, se for mantido o quadro atual, em que cursos como História, Geografia, Física, Letras e Matemática, entre outros que formam professores de 1º e 2º graus nas universidades, mostram procura cada vez mais baixa.

As salas de aula dos cursos de Licenciatura estão vazias, algumas turmas têm sido fechadas e a relação candidato/vaga no vestibular é inferior a um nessas carreiras em várias faculdades — quer dizer, há vagas sobrando. São reflexos do desprestígio que vieram sofrendo as carreiras das áreas humanas — praticamente todas levando ao magistério — ao longo da década de oitenta, pontuada pela valorização das carreiras técnicas, que oferecem futuro mais promissor e imediato no mercado de trabalho, conforme diagnosticaram educadores reunidos ontem no Seminário *Humanidades Urgente*, na PUC do Rio de Janeiro.

“Numa época de escassez de recursos é muito mais fácil não canalizá-los para a educação, porque os resultados disso só aparecem a longo prazo. Vivemos num imediatismo muito grande e o que não tem consequência imediata acaba sendo deixado para o governo seguinte resolver”, analisa o decano do Centro de Humanidades da PUC, Danilo Marcondes.

“As carreiras de Humanidades levam ao magistério e o magistério é mal pago. A degradação salarial vai causando a degradação da qualidade dos professores, pois quem tem competência vai procurar outra carreira”, explica a professora Rosiská Darcy de Oliveira, da pós-graduação em Letras da PUC, uma das organizadoras do seminário, ao lado do escritor Affonso Romano de Sant’Anna, professor da Faculdade de Letras, e Eliana Yunes, ex-diretora do Instituto Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Pragmatismo — Na PUC, o curso de Geografia está prestes a acabar, por falta de alunos. A Faculdade de Letras, que abriu 160 vagas para o vestibular, mas só teve 140 inscritos, atrai alunos porque oferece bacharelados profissionalizantes, como o de secretário-executivo e tradutor-intérprete, dentro da especialidade Português-Inglês. “Mais da metade dos alunos que se inscreveram para Letras escolheu essa especialidade, por causa das profissões mais pragmáticas que oferecemos”, conta a diretora do curso, Lilian Mary Sá Campos. “Há dez anos, 30 alunos se licenciavam por semestre aqui. Agora, são seis ou oito, no máximo”, diz.

A Faculdade de Educação, que recebe alunos de todas as carreiras da universidade para a formação pedagógica,

tinha, até cinco anos atrás, três turmas de Licenciatura para cada especialidade do magistério. Hoje só tem uma para cada especialidade. E mesmo assim, turmas magras — dezoito alunos, em vez dos habituais 40 das áureas épocas.

Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o quadro não muda. A relação candidato/vaga para Letras do próximo vestibular é 0,2. Geografia e Física tiveram menos de dois candidatos por vaga. Já a UFRJ tem 25 licenciaturas, todas elas com vagas sobrando. A diretora adjunta de graduação, Lúcia Vilarim, explica que não há intenção de se diminuir as vagas, ainda. “Esperamos que haja uma reversão na política educacional do país, valorizando-se o professor. Do contrário, em poucos anos chegaremos ao colapso total”, prevê.

Geografia — O mesmo quadro negro aparece nas escolas de 1º e 2º graus. “É consenso entre os diretores das escolas que não há professores de Geografia e de Física no mercado”, diz o professor Edgar Flexa Ribeiro, diretor do Colégio Andrews, em Botafogo. Ele foi um dos diretores de escola que participaram do seminário da PUC. “Há quinze anos, era comum conseguirmos um professor dando dois ou três telefonemas. Hoje, o professor simplesmente desapareceu”, conta Flexa Ribeiro, ressaltando que isso coincidia com o tempo em que o professor “tinha dinheiro para viajar, comprar apartamento e sustentar a família”. Ele atribui a crise do magistério à crise do ensino público. “O poder público é o maior empregador de professores. Se ele fixa um mau salário para essa mão-de-obra, o mercado se avilta”, considera.

Partir das constatações para a ação foi o objetivo do seminário *Humanidades Urgente*. “Queremos acabar com o muro de lamentações e partir para a ação”, avisa o escritor e professor Affonso Romano de Sant’Anna. Assim, além de ter ficado patente no encontro a necessidade de se elevarem os salários dos professores para que a procura pela carreira volte a crescer, outras providências serão tomadas. “Vamos procurar promover uma revalorização das Humanidades, fazendo as pessoas dessas carreiras participarem do debate social”, diz a professora Rosiská.

Como exemplo, ela cita o trabalho de Eliana Yunes que, junto a escolas, procura incentivar a leitura entre as crianças. “Não basta só se formar numa faculdade de Literatura, mas definir novos objetivos para essas carreiras”, explica. “O primeiro-ministro da Lituânia é filósofo e o presidente da Tchecoslováquia, dramaturgo. Quer dizer, as Humanidades podem e devem ter uma existência social”.

“Gostaria que se voltasse ao tempo da Faculdade de Filosofia que formava professores. O aluno não saía sabendo Matemática, mas sabendo ensinar Matemática. Isso poderia voltar”, sugere, ainda, Flexa Ribeiro.

Ricardo Serpa



Angela viveu um prestígio que não chegou a Luciana